

O controle de traços semântico-pragmáticos sobre possessivos no português

The control of semantic-pragmatic traits over possessives in Portuguese

Manoel SIQUEIRA (UFS)
manoel.siqueira77@hotmail.com

Recebido em: 13 de ago. de 2020.
Aceito em: 18 de out. de 2020.

SIQUEIRA, Manoel. O controle de traços semântico-pragmáticos sobre possessivos no português. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 11, n. 1, e2026, p. 1-22, jan.-abr./2021. DOI: 10.22168/2237-6321-12026.

Resumo: Os possessivos são considerados como uma categoria de palavras que estabelece relação de posse entre um ser possuidor e um elemento possuído. Contudo, apenas em um sentido amplo a relação de posse pode ser considerada como sua função, já que os possessivos podem assumir outras relações. É objetivo deste estudo relacionar traços semântico-pragmáticos com o uso de possessivos pré-nominais com base numa perspectiva cognitivo-funcional. Adotamos as categorias metafóricas apresentadas em Heine *et al.* (1991), que vão desde o nível mais forte de concretude até o nível mais forte de abstração, organizadas ao longo de uma escala metafórica de *pessoa > objeto > atividade > espaço > tempo > qualidade*. Utilizamos uma amostra de fala retirada do banco Falares Sergipanos, da qual extraímos 1267 ocorrências de possessivos pré-nominais. Os dados mostram que o controle de traços semântico-pragmáticos é produtivo para a descrição do funcionamento dos possessivos no português, com predomínio da categoria mais concreta, *pessoa*, e da mais abstrata, *qualidade*; os menores números são encontrados na

categoria *tempo*. A ocorrência dos possessivos parece estar interligada com a pessoa que produz o enunciado, com o falante, visto que as maiores ocorrências são em categorias relativas ao traço de [+pessoa].

Palavras-chave: Possessivos. Traços semântico-pragmáticos. Cognitivo-funcional.

Abstract: The possessives are considered as a category of words that establishes a possession relationship between a possessing being and a possessed element. However, only in a broad sense can the possession relationship be considered as its function, since the possessives can assume other relations. The objective of this study is to relate semantic-pragmatic traits with the use of pre-nominal possessives based on a cognitive-functional perspective. We adopted the metaphorical categories presented in Heine *et al.* (1991), ranging from the strongest level of concreteness to the strongest level of abstraction, organized along a metaphorical scale of *person* > *object* > *activity* > *space* > *time* > *quality*. We used a speech sample taken from the Falares Sergipanos database, from which we extracted 1267 occurrences of pre-nominal possessives. The data shows that the control of semantic-pragmatic traits is productive for describing the functioning of possessives in Portuguese, with a predominance of the most concrete category, *person*, and the most abstract one, *quality*; the smallest numbers are found in the category *time*. The occurrence of possessives seems to be interconnected with the person who produces the statement, with the speaker, since the greatest occurrences are in categories more related to the trait of [+person].

Keywords: Possessives. Semantic-pragmatic traits. Cognitive-functional.

Introdução

2

A categorização é parte da cultura dos seres humanos. Em atividades triviais ou nas mais complexas, estamos sempre fazendo algum tipo de categorização sem nos darmos conta desse fato. Por categorização, entendemos como a representação mental de formas individuais (*tokens*) de experiência como partes reconhecidas de uma forma recorrente, uma categoria (*types*) (BYBEE, 2007; GÍVON, 2005). O número de realizações do verbo *andei*, por exemplo, é visto como *token*, enquanto o padrão de ocorrências de verbos como *andei*, *falei*, *comprei* é visto como um *type*, resultando numa categoria, a categoria de verbos conjugados no pretérito perfeito regular.

Os elementos da língua, como sons e palavras, são categorizados com base nas propriedades que têm em comum: *andei*, *falei*, *comprei* são verbos, estão conjugados no pretérito perfeito, e compartilham a mesma terminação em sua conjugação. Por meio da categorização são estabelecidas as unidades da língua, seus significados e suas formas (CUNHA; BISPO, 2013), já que “todas as vezes que vemos algo como um tipo de coisa, por exemplo, uma árvore, nós estamos categorizando” (LAKOFF, 1987, p. 05, tradução nossa¹). Todas as vezes que produzimos

¹ No original: “Every time we see something as a kind of thing, for example, a tree, we are categorizing.” (LAKOFF, 1987, p. 05).

ou ouvimos uma sequência de enunciados, estamos empregando dezenas de categorias, sejam de som, de palavras, de frases etc. (LAKOFF, 1987).

Diferentemente de nossa percepção enquanto falantes, e do que prega a tradição gramatical, as categorias da língua não são imutáveis, fechadas ou estanques, elas são gradientes; ou seja, as categorias da linguagem e da gramática da língua são difíceis de distinguir, resultado das mudanças que ocorrem ao longo do tempo, fazendo com que elementos fiquem se movendo num *continuum* entre uma categoria e outra (BYBEE, 2010). Nessa ideia, ocorre variação, que “se refere ao fato de que unidades e estruturas da língua exibam variação em uso sincrônico, usualmente ao longo dos trilhos contínuos de mudança que cria gradiência” (BYBEE, 2010, p. 02, tradução nossa²). Exemplo dessa gradiência é a categoria dos possessivos.

Os possessivos são comumente definidos em gramáticas como elementos que estabelecem uma relação de posse entre um possessor e uma coisa possuída (cf. ALMEIDA, 2009; CEGALLA, 2008; CUNHA; CINTRA, 2008). Há uma visão categórica para o possessivo: a relação de posse. Todavia, essa relação pode ser atribuída apenas como a função prototípica dos possessivos, dada a profusão de funcionalidades existentes em seu uso em situações reais de comunicação.

Apenas no sentido *latu* podemos considerar que a função do possessivo é a de estabelecer posse: sua função vem a ser a criação de uma relação entre dois (ou mais) elementos do mundo físico e social (BENVENISTE, 1994). Para Câmara Jr. (1964), os possessivos não possuem um significado único e imutável: a funcionalidade do possessivo dependeria do contexto discursivo no qual está inserido, além da intencionalidade do sujeito falante na hora de produção de seu discurso e do nome que acompanha esse possessivo.

Neste trabalho, buscamos discutir a funcionalidade dos possessivos no português levando em consideração o controle do traço semântico-pragmático que ele carrega. Traços semântico-pragmáticos já vêm sendo controlados para descrever a funcionalidade dos possessivos, mostrando-se influentes para compreender como essa categoria gramatical se comporta na língua. Silva (1998), por exemplo, atribui como traços dos possessivos estabelecer relações de parentesco, relações humanas, posses não-inerentes, posses inerentes e partes do

² No original: “Variation refers to the fact that the units and structures of language exhibit variation in synchronic use, usually along the continuous paths of change that create gradience.” (BYBEE, 2010, p. 02).

corpo. Soares (1999), por sua vez, propõe relações de posse temporária, pertencimento, parentesco, autoral, características psicológicas e pessoais, relacionamentos e atribuição.

Com vistas a discutir esse controle, utilizamos um viés ainda não aplicado à descrição dos possessivos, apresentado em Heine *et al.* (1991). Nele, há uma escala de categorização com base em categorias metafóricas da língua:

PESSOA > OBJETO > ATIVIDADE > ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE

Considerando a escala de categorias proposta por Heine *et al.* (1991), questionamos se há produtividade dessas categorias nos usos de possessivos que antecedem nome, os pré-nominais. Nossa hipótese é a de que por meio dessa escala podemos relacionar diferentes traços semântico-pragmáticos aos possessivos, além de que seu uso será produtivo no *corpus* utilizado. Visamos também mensurar as pessoas gramaticais dos possessivos, observando se há associação com as categorias, além de apresentar formas alternantes para introduzir a noção que esses possessivos expressam.

4

Possessivos em português

Os possessivos tradicionalmente são vistos por gramáticas normativas como “a classe que estabelece uma relação entre um possuidor e uma coisa possuída” (CASTILHO, 2012, p. 501). Cegalla (2008, p. 182, destaques do autor), por exemplo, fala que “os *pronomes possessivos* referem-se às pessoas do discurso, atribuindo-lhes a posse de alguma coisa”. Em (1), aplica-se essa definição:

(1)

- a. A menina estava andando em *sua bicicleta*.
- b. A menina estava andando com *a bicicleta que é sua*.

O possessivo em (1a) acompanha o nome *bicicleta*, o elemento possuído, e estabelece relação com o possessor, representado pelo sintagma *a menina*. O exemplo em (1b) permite uma leitura da relação de posse entre *a menina* e *sua bicicleta*. A relação de posse advinda do possessivo pode ser compreendida através da função Genitiva. Palavras com função Genitiva designam a ideia de possessividade, de realmente se ter algo.

Embora a relação de posse seja a característica prototípica dos possessivos, ela não é a única e verdadeira. Segundo Neves (2008, p. 563, destaques da autora), “apenas num sentido amplo se pode considerar que tais palavras indicam uma relação de *posse*”. Por exemplo, a relação de posse não é tão evidente no exemplo (2):

(2) Você passou do *meu lado* e não me viu.

Mesmo que haja o possessivo, a relação presente no sintagma *meu lado* indica uma ideia de espaço, evidenciando por onde o interlocutor referido na oração passou. Para Benveniste (1995, p. 280),

formas 'pronominais' não remetem a 'realidade' nem a posições 'objetivas' no espaço ou no tempo, mas à enunciação, cada vez única, que as contém, e refletem assim o seu próprio emprego. A importância da sua função se compra à natureza do problema que servem para resolver, e que não é senão o da comunicação intersubjetiva. A linguagem resolveu esse problema criando um conjunto de signos 'vazios', não referenciais com relação à 'realidade', sempre disponíveis, e que se tornam 'plenos' assim que um locutor os assume a cada instância do seu discurso. Desprovidos de referência material não podem ser mal empregados; não afirmando nada, não são submetidos à condição de verdade e escapam a toda negação. O seu papel consiste em fornecer o instrumento de conversão, a que se pode chamar a conversão da linguagem em discurso.

Os possessivos são elementos vazios, dêiticos, que irão produzir significados apenas no momento em que são produzidos, na interação. A cada nova produção, seu significado será variável, referindo-se a elementos da realidade objetiva, já que o uso do possessivo tem como condição a situação do discurso e nenhuma outra além dela (BENVENISTE, 1995). Neves (2008, p. 564) explica que o possessivo “indica uma relação bipessoal, admite-se o caráter fórico da relação por ele indicada”. Os possessivos relacionam pessoas gramaticais com elementos do mundo, como em (2), em que *meu lado* remete à pessoa *eu*.

Azeredo (2008) apresenta uma tipologização dos possessivos baseada na intencionalidade do falante e da situação discursiva na qual ele está inserido. Com isso, a função do possessivo

[...] pode ser de *posse* (*meu relógio*, isto é, ‘o relógio que me pertence’), de *origem* (*nossa cidade*, isto é, ‘a cidade em que nós vivemos’), de *uso* (*minha sala*, isto é, ‘a sala em que estudo’), *meu ônibus*, isto é, ‘o ônibus que costumo pegar’), de *parentesco* (*meus tios*), de *autoria* (*meu discurso*, isto é, ‘o discurso que

proferi'; *teus* quadros, isto é, 'os quadros que tu pintas'), de *compromisso/destinação* (*sua* missão, isto é, 'a missão que foi confiada a você', de *afetividade* (*meu* clube, isto é, 'o clube pelo qual eu torço'), de *grupo social* (*meus* clientes, isto é, 'os clientes a quem presto serviços profissionais', *nossos* professores, isto é, 'os professores que nos ensinam' – se dito pelos alunos – ou 'os professores que trabalham na escola que eu dirijo' – se dito pelo diretor), e assim por diante. (AZEREDO, 2008, p. 250).

Os possessivos ainda apresentam informações de contingência, na medida em que estabelecem relações com elementos que, embora os indivíduos os possuam, eles não podem se dispor desses elementos, como partes do corpo, em (3), e pensamentos, em (4).

(3) *Minha perna* está doendo.

(4) *Meu sonho* é me formar cedo.

Os possessivos, então, são formas dêiticas que estabelecem relações entre nomes e elementos do mundo, além de serem responsáveis pela atribuição de posse. Contudo, esses pontos ainda não são capazes de nos prover uma categorização da funcionalidade dos possessivos. Embora propostas como a de Azeredo (2011) sejam apresentadas, precisamos compreender que não há uma unificação em relação a essas categorias.

Traços semântico-pragmáticos no controle dos possessivos

Traços semânticos e pragmáticos têm sido amplamente utilizados em pesquisas sobre o comportamento do português. Tavares e Freitag (2010), por exemplo, apresentam o controle de traços semântico-pragmáticos voltado aos verbos. Segundo as autoras, "os tipos de verbos podem ser relacionados às nuances de significado *concreta*, *abstrata* e *genérica*, e, assim, servir de indício para o mapeamento de diferentes graus de gramaticalização" (TAVARES; FREITAG, 2010, p. 104, destaques das autoras).

Focando na influência do traço semântico-pragmático do verbo na gramaticalização de conectores coordenativos como *e*, *aí*, *daí* e *então*, e do passado imperfeito, Tavares e Freitag (2010) observam que, no caso dos conectores, *aí* e *daí* estão mais ligados a verbos mais concretos, *e* ocorre mais com verbos genéricos, e *então* "tende a ter por escopo orações cujos verbos possuem preferencialmente os seguintes traços verbais: *atenuação*, *relacional*, *experimentação mental*, *atividade*

difusa e instância” (TAVARES; FREITAG, 2010, p. 117). Quanto ao passado imperfeito, a forma perifrástica formada pelo auxiliar *estar* + gerúndio, como em *estava andando*, teve relações com traços que apresentam maior dinamicidade, verbos [+ dinâmico]. Para as autoras, controlar traços semântico-pragmáticos verbais trouxe indícios importantes acerca dos processos de gramaticalização que ocorreram nos fenômenos estudados, ajudando no entendimento de como essas formas surgiram na língua e seu uso (TAVARES; FREITAG, 2010).

O controle de traços semântico-pragmáticos também é aplicado a pesquisas sobre possessivos em português. Pesquisas como Silva (1998), Campos Jr. (2011), Guedes (2019), Soares (1999) e Siqueira (2020), relacionam uma variável semântico-pragmática para observar o comportamento do possessivo com base no nome que o acompanha.

Silva (1998), descrevendo a variação no uso de artigo definido antes de possessivos pré-nominais na fala carioca, divide a variável semântico-pragmática em cinco níveis: *objetos inerentemente possuídos*, *partes do corpo*, *nomes de parentesco*, *relações humanas* e *possuídos não-inerentes*. A autora optou por considerar os níveis a partir do mais inerente para o menos inerente: *objetos inerentemente possuídos* > *partes do corpo* > *possuídos não-inerentes* > *nomes de parentesco* > *relações humanas*. Nos resultados, há maior presença de artigo em traços de *objetos inerentemente possuídos* e *as partes do corpo*; *nomes de parentesco*, de *relações humanas* e os *possuídos não-inerentes* há maior ausência de artigo. Elementos que são inerentemente possuídos tendem a receber mais a presença do artigo.

Soares (1999), estudando a variação nos possessivos de 2P e 3P, utiliza oito traços semântico-pragmáticos, são eles: i) *posse inalienável*; ii) *posse temporária*; iii) *pertencimento*; iv) *parentesco*; v) *autoral*; vi) *características psicológicas e pessoais*; vii) *relacionamentos*; e viii) *atribuição*. Os traços são representados numa escala de *posse temporária* > *autoria* > *posse inalienável* > *características psicológicas e pessoais* > *atribuição* > *pertencimento* > *parentesco* > *relacionamentos*. Nos dados de 3P, *seu* ocorre mais na relação de *posse temporária*. Não há, de certa forma, um paralelo aparente quanto a esse fenômeno nos dados (SOARES, 1999).

Controlando a natureza do possuído no uso de artigo antes de possessivos na fala capixaba, Campos Jr. (2011) divide os traços em *parentes*, *relações*, *abstrações únicas*, *objetos não-inerentes*, *abstrações não-únicas*, *partes do corpo* e *objetos inerentes*. Na escala, observamos *objetos inerentes* > *objetos não-inerentes* > *partes do corpo* > *relações* > *parentes* > *abstrações não-únicas* > *abstrações únicas*. Os traços de *parte do corpo*,

abstrações únicas, objetos não inerentes, abstrações únicas e objetos inerentes apresentam maior realização de artigo definido, enquanto *parentes* e *relações* menor; quando o traço é [+animado] a presença do artigo tende a diminuir, na medida em que quando é [-animado], a presença aumenta.

Guedes (2019), descrevendo o uso de artigo antes de possessivos pré-nominais na fala de paraibanos migrantes, categoriza em sete traços a natureza semântico-pragmática. A autora analisa os traços de *abstração não única, abstração única, não parente, parente, objeto não-próprio, objeto próprio* e *parte do corpo*. Numa escala de inerência de posse, observamos o seguinte esquema: objeto próprio > objeto não-próprio > parte do corpo > não parente > parente > abstração não única > abstração única. Em seus resultados, não houve correlação entre a variável e o uso de artigo.

Já Siqueira (2020), apresentando uma descrição do uso do artigo definido antes de possessivos pré-nominais na comunidade universitária da Universidade Federal de Sergipe, usa três níveis: *humano, nome abstrato* e *objeto concreto*. Numa escala de abstração, vemos humano > objeto concreto > nome abstrato. O autor observa que o predomínio de artigo definido se dá mais nos traços de *nome abstrato* e *objeto concreto*; quanto [+humano] for o traço, menos haverá artigo, e quanto [-humano] for o traço, mais haverá o artigo.

O controle de traços semântico-pragmáticos tem apresentado relevância no estudo dos possessivos, mesmo que em algumas pesquisas não haja correlação entre a variável e o fenômeno (GUEDES, 2019; SOARES, 1999). Os resultados evidenciam os mais variados números em relação ao fenômeno. Contudo, como as categorizações dos traços são diferenciadas, comparações nos resultados são dificultadas. Outras aplicações de traços semântico-pragmáticos podem ser utilizados em relação aos possessivos, ajudando em possíveis desdobramentos para uma agenda unificada para as funcionalidades. Propomos a categorização de Heine *et al.* (1991).

Categorias metafóricas

Quando as estruturas da língua evoluem para estruturas gramaticais, essas evoluções são descritas por meio de categorias metafóricas. Em outros termos, os falantes aplicam sentidos existentes para novas funções (HEINE *et al.*, 1991), que vão desde o nível mais forte

de concretude até o nível mais forte de abstração. Essas categorias foram organizadas ao longo de uma escala ou cadeia de abstração metafórica, proposta por Heine *et al.* (1991):

PESSOA > OBJETO > ATIVIDADE > ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE

Tais categorias representam elementos prototípicos, como também a extensão desses elementos, a partir de um domínio de experiências com o mundo. Para os autores, a extensão metafórica dessas categorias move-se da esquerda para a direita ao longo da escala, mas nunca o contrário disso: a extensão de *pessoa* se moveria para as categorias seguintes, mas *objeto* nunca se moveria para *pessoa*, e sim para as categorias seguintes.

A categoria de *pessoa* envolve traços humanos, como mãe, pai, professor, etc.; *objeto* se relaciona com coisas do mundo, de forma concreta, como carro, celular, notebook, etc.; *atividade*, segundo os autores, “corresponde rusticamente ao que Lyons (1977:483) chama de ‘situação dinâmica’ e inclui atos, atividades, eventos e processos” (HEINE *et al.*, p. 49, tradução nossa³), curso, formação, percurso, etc.; é a categoria que dá ideia de continuidade, de ação.

Espaço diz respeito tanto a espaços físicos quanto a espaços mentais, como casa, escola, mente, etc.; *tempo* é mais abstrato que os anteriores, relacionando-se a aspectos temporais, como infância, juventude, estadia, etc.; a última categoria é a mais abstrata e mais confusa – *qualidade* – agindo como “um tipo de pega tudo para um número de conceptualizações bem divergentes” (HEINE *et al.*, 1991, p. 49), abarcando estados, maneiras, instrumentos, características físicas e não físicas, etc.

Os autores apresentam a seguinte organização/síntese para a categoria (domínio) e as conceptualizações de cada categoria (tipo de conceitos):

Quadro 1 – Categorias e conceptualizações

Domínio	Tipo de conceitos
PESSOA	Conceitos humanos
OBJETO	Tipicamente conceitos inanimados

³ No original: “roughly corresponds to what Lyons (1977:483) calls a ‘dynamic situation’ and includes acts, activities, events, and processes”.

ATIVIDADE	Eventos, processos, e ações
ESPAÇO	Relações espaciais
TEMPO	Relações temporais
QUALIDADE	Estados e qualidades

Fonte: Heine *et al.* (1991, p. 57).

Segundo Heine *et al.* (1991, p. 52, tradução nossa⁴), “a presença de categorias metafóricas pode ser variavelmente refletida em enunciados completos, em proposições, em conceitos únicos ou em um tipo de contexto em que é dada a conceptualização dada”.

Lee (2005), usando a escala como parte de seu estudo, analisa mudanças semânticas em itens de polaridades negativas (NPIs) (itens que só ocorrem em sentenças negativas) em inglês. O foco desse estudo são itens originários de palavras como *pin* (pino), *fig* (figo), *button* (botão), *straw* (palha) etc., que formam construções do tipo ‘a(n) Noun’ (artigo indefinido + nome), como *a pin*, *a fig*, que denotam quantidades mínimas de coisas. Para observar a formação dessas construções, Lee (2005) utiliza as categorias metafóricas aplicadas aos NPIs, já que “há uma mudança no domínio, OBJETO-para-QUALIDADE. Todos esses lexemas denotando objetos concretos são usados como veículo metafórico para expressar um conceito qualitativo” (LEE, 2005, p. 301, tradução nossa⁵).

Batic (2005), descrevendo o processo metafórico envolvendo nomes de partes do corpo em hausa, língua falada no Oeste e no Centro-norte da África, aponta os principais esquemas metafóricos com esses nomes. As partes do corpo inserem-se na categoria de *objeto*. Dessa categoria, o autor observa as extensões e mudanças metafóricas para outras categoriais, como em *bàki* (boca) para *espaço* (similar à *próximo*) e *tempo* (similar a *quando*), ou em *baya* (costas) para *espaço* (como em *atrás*), e *tempo* (como em *depois*).

Em português, Carioca (2016) utiliza as categorias metafóricas como forma de explicar a motivação para a gramaticalização da expressão *de acordo com* como item evidencial. Segundo a autora,

⁴ No original: “the presence of categorial metaphors may be reflected variously in whole utterances, in propositions, in single concepts, or in the kind of contexts in which a given concept is used.” (HEINE *et al.*, 1991, p. 52).

⁵ No original: “there is a domain change, OBJECT-to-QUALITY. All these lexemes denoting concrete objects are used as the metaphorical vehicle to express a qualitative concept.” (LEE, 2005, p. 301).

essa mudança tem relação com a metáfora, por ser entendida como um processo de transferência semântica, em que estendemos, a novos contextos, o uso de uma forma pela relação de similaridade, aqui convencionalizada pelo discurso acadêmico mediante a relação de uso em citações diretas. (CARIOCA, 2019, p. 108).

Contudo, a autora não explicita como se dá essa mudança metafórica na escala.

Pereira e Görski (2016) delineiam as possíveis trajetórias funcionais para o vocábulo *mesmo*. Para tanto, as autoras usam tanto a escala acima demonstrada, do mais concreto ao mais abstrato, como também a escala *pessoa>escala>tempo>texto*. Segundo as autoras,

o vocábulo *mesmo* surge como demonstrativo nas línguas românicas, sendo bem possível que tenha emergido do domínio mostrativo da linguagem [...] (envolvendo já PESSOA e ESPAÇO – como pronome demonstrativo), para chegar ao campo temporal [...] e, finalmente, ao domínio textual [...]. (PEREIRA; GÖRSKI, 2016, p. 40).

Esses estudos demonstram a aplicabilidade das categorias metafóricas. Contudo, o enfoque recai mais em processos de gramaticalização. Um trabalho mais relacionado ao nosso é o de Batic (2005), que descreve as extensões de nomes de partes do corpo para outras categoriais. Em nosso estudo, consideramos que podemos relacionar todos os traços semântico-pragmáticos dos possessivos a partir da extensão do seu valor pessoal para outros valores.

Método

O método utilizado foi o descritivo/inferencial, uma vez que o objetivo da análise era mapear a produtividade dos possessivos e relacionar as categorias com as pessoas gramaticais. O *corpus* constituído para isso foi retirado do banco de dados Falares Sergipanos (FREITAG, 2013) da amostra Deslocamentos (2019), que considera a fala de universitários da Universidade Federal de Sergipe ao narrar experiências da vida pessoal e opiniões acerca de temáticas político-sociais. Para o presente artigo, utilizamos uma subamostra de 32 entrevistas sociolinguísticas.

Todas as entrevistas foram transcritas e alinhadas com o auxílio do *software* ELAN (HELLWING; GEERTS, 2013). Após o processo de transcrição, foram gerados arquivos em extensão *.txt* para que, em seguida, fizéssemos a extração das ocorrências dos possessivos. Para tanto, buscamos apenas possessivos pré-nominais, por analisarmos sua funcionalidade com base nos nomes que os seguem.

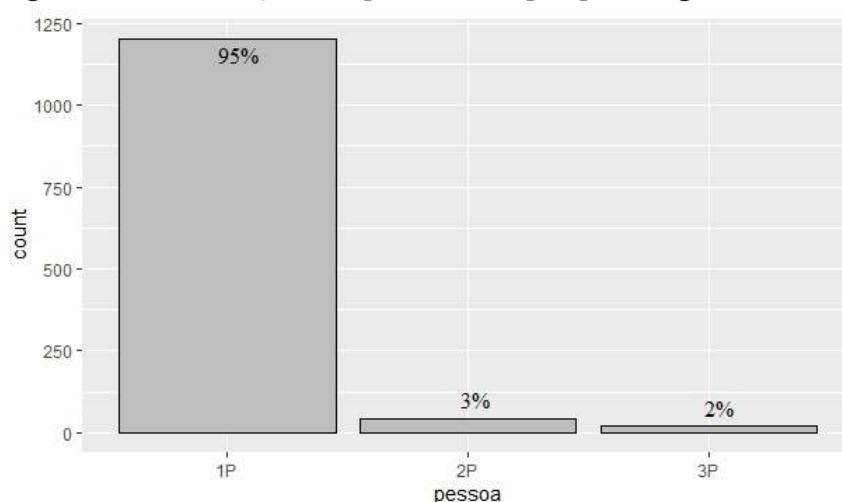
Os possessivos receberam codificação quanto à categoria metafórica proposta por Heine *et al.* (1991) na qual se encaixavam, do mais concreto ao mais abstrato. Depois da codificação dos dados, a subamostra foi submetida à análise estatística descritiva de frequência e distribuição. Os gráficos apresentados na seção de resultados foram feitos com a utilização do pacote estatístico *ggplot2* (WICKHAM, 2016) para a plataforma R (R CORE TEAM, 2018), mais precisamente a *interface* RStudio. Realizamos também teste de qui-quadrado de modo a observar se há associação entre as categorias e as pessoas gramaticais.

Resultados

A busca resultou em 1267 ocorrências de possessivos pré-nominais, com realizações de quase todas as formas, exceto *teu* e flexões e *vosso* e flexões. Não inserimos o pronome *dele* e flexões por ocorrer categoricamente de forma posposta, dado o nosso enfoque com pronomes que ocorrem antepostos aos nomes.

Como os possessivos estabelecem relações entre pessoas gramaticais e elementos do mundo, na Figura 1, apresentamos a distribuição dos possessivos quanto à pessoa por meio de seus percentuais.

Figura 1 – Distribuição dos possessivos por pessoa gramatical



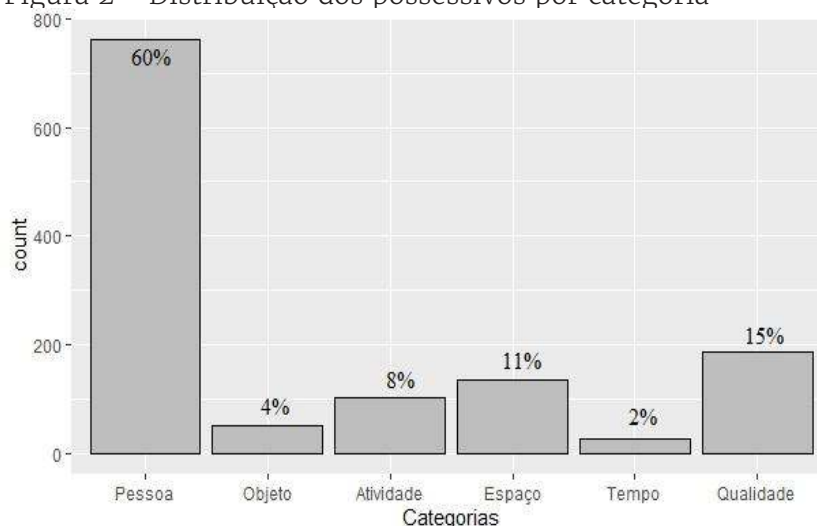
Fonte: elaborado pelo autor.

Das ocorrências por pessoa gramatical, 95% (n= 1202) delas são para a 1P. Os outros 5% são divididos entre a 2P (3% n= 42) e a 3P (2% n= 23). O predomínio por pessoa gramatical ocorre com referentes de 1P, como *meu*, *minha*, *nosso*, *nossas* etc., enquanto os menores

números são para a 3P, como *seu, sua, seus, suas*. Para Bybee (2007, p. 18, tradução nossa⁶), e isso pode ser aplicado ao português, “uma das mais usadas palavras em Inglês é o *eu*, e outros pronomes de primeira pessoa (objeto e possessivo) são muito frequentes (Scheibman 2002)”, o que justifica o extensivo uso do possessivo de 1P, já que os falantes gostam de falar sobre eles mesmos (BYBEE, 2007), além do fato do tipo de roteiro utilizado para a coleta dos dados (contendo relatos da vida pessoal do falante).

A distribuição na Figura 1 pode ter efeitos sobre as categoriais: predominando a 1P, os possessivos poderão ser utilizados referindo-se aos próprios sujeitos, o que vai resultar em maiores números para as categorias [+pessoa]. A distribuição para as categoriais pode ser visualizada na Figura 2.

Figura 2 – Distribuição dos possessivos por categoria



Fonte: elaborado pelo autor.

A categoria *pessoa*, a mais concreta, apresenta 60% (n= 762) de todas as realizações de possessivos na amostra. Os números são resultado principalmente do predomínio da 1P na amostra, em que os falantes apresentam construções com elementos relacionados a eles mesmos. Os possessivos em nossa amostra são predominantemente utilizados para estabelecer relações pessoais entre os falantes e outras pessoas do mundo biofísico e social, conforme dados de fala em (5) e (6).

⁶ No original: “One of the most used words in English is I, and other first person pronouns (object and possessive) are also very frequent (Scheibman 2002).”

(5) fico na casa da *minha irmã* (ALI2FI⁷).

(6) eu expliquei a situação dos *meus pais* eu lembro que eu perguntei (BRE3FI).

Em *objeto*, há percentual de 4% (n=51). A premissa básica de posse é a de que se realmente possua um objeto. Em nossos dados, esses elementos se encaixam na categoria de *objeto*, como em (7) e (8). A função prototípica dos possessivos apresenta produtividade baixa em nossa pesquisa.

(7) quando eu fui fazer *minha carteirinha* (BRE3FI).

(8) então *minha mochila* é cheia de lanche (JHO2MI).

No terceiro nível da escala, *atividade* apresenta percentual de 8% (n= 104) dos usos dos possessivos em que os falantes estabelecem relações entre um elemento e um processo, uma atividade contínua ou finita, conforme (9) e (10). A maioria das realizações é sobre processos relacionados à formação acadêmica, como *curso*, *graduação*, *formação*, etc.

(9) mas como *meu curso* também é um curso de computação (MAT4MF).

(10) nossa bem bem precária *minha preparação* pro ENEM (VIC4MI).

O quarto nível da escala, *espaço*, apresenta percentual de 11% (n= 136) em todo o *corpus*. Nessa categoria, consideramos tanto espaços físicos quanto espaços abstratos e mentais, como *mente*, *pensamento*. Os números observados demonstram que falantes usam possessivos estabelecendo noções espaciais, para indicar um espaço locativo e/ou mental, como em (11) e (12). Nessa categoria, ainda se inserem elementos que podem ser realmente possuídos, como *casa*, *prédio*, *apartamento*.

⁷ A nomenclatura utilizada após os exemplos é a codificação utilizada na amostra, que conta com falantes universitários da UFS. As três primeiras letras correspondem às primeiras letras do nome dos falantes; os números correspondem ao Deslocamento dos alunos, estratificados em quatro deles (1- residente na zona metropolitana de Aracaju; 2- residente no interior de Sergipe que vai e volta pra UFS todo dia; 3- oriundo do interior de Sergipe que reside nas imediações da UFS; 4- oriundo de outros estados que reside nas imediações da UFS); F e M é quanto ao sexo/gênero (feminino ou masculino); e I ou F é quanto ao período na universidade (F- do 7º período acima; I- do 3º período abaixo).

(11) era uma casa *meu quarto* tinham oito meninas comigo né? (ALI4FI).

(12) é que você num tem tanto conhecimento com as pessoas que moram até mesmo no *seu lado* da *sua casa* (MAR3MF).

No penúltimo nível da escala, quase totalmente abstrato, *tempo*, há o menor percentual de realização, com 2% (n= 28). Esse fator apresenta nomes que compõem o aspecto temporal, decorrido, presente ou futuro, conforme (13) e (14). Embora os possessivos possam estabelecer relações com elementos temporais, seu uso é pouco produtivo.

(13) é porque na *minha época* tinha (DOU2MF).

(14) durante a *minha infância* foi bom morar lá (ADR1MI).

Por fim, a categoria mais abstrata, *qualidade*, é a segunda mais produtiva, com 15% (n= 186) das ocorrências de sintagmas com possessivos que indicam relação entre elementos que indiquem qualidades, maneiras, estados, modos e nomes inalienáveis, como em (15) e (16). Muitas das construções em *qualidade* envolvem características atribuídas aos próprios falantes. Tendo em vista sua conceitualização abrangente apresentada em Heine *et al.* (1991), consideramos que o alto número é resultante da sua funcionalidade como *catchall*, ou seja, como um baú que aceita uma grande gama de elementos (HEINE *et al.*, 1991).

(15) apesar de *seus defeitos* mas (DOU2MF).

(16) mais do que pra Jornalismo mas *minha paixãozinha* é Jornalismo (ADR1MI).

A distribuição das categoriais apresenta altos percentuais quando relacionada à pessoa que fala. Para termos dimensão disso, os dados na Tabela 1 abaixo apresentam a distribuição dos possessivos por pessoa gramatical e por categoria metafórica.

Tabela 1 – Distribuição por pessoa gramatical e categoria metafórica

		Categorias						
Pessoa		Pessoa	Objeto	Atividade	Espaço	Tempo	Qualidade	Total
1P	apl.	742	47	97	126	27	163	1202
	%	97%	92%	93%	93%	96 %	88%	95%
2P	apl.	13	1	5	7	1	15	42
	%	2%	2%	5%	5%	4 %	8%	3%
3P	apl.	7	3	2	3	0	8	23
	%	1%	6%	2%	2%	0 %	4%	2%
Total		762	51	104	136	28	186	1267
%		60%	4%	8%	11%	2%	15%	100%

Fonte: elaborado pelo autor.

Há uma relação significativa entre as duas variáveis, confirmada pelo valor de qui-quadrado, em que $X^2(10, N= 1267) = 37.630$, $p < 0,001$. Em 1P, a menor ocorrência é em *tempo* ($n= 27$), seguido de *objeto* ($n= 47$). A maior ocorrência é em *pessoa* ($n= 742$), seguido de *qualidade* ($n= 163$) e *espaço* ($n= 126$). Na 2P, as categoriais de *tempo* e *objeto* só possuem uma ocorrência cada. As maiores ocorrências são em *pessoa* ($n=13$) e *qualidade* ($n= 15$). Para a 3P, que possui apenas 2% das ocorrências no *corpus*, a categoria de *tempo* não possui nenhuma realização. As maiores ocorrências são em *qualidade* ($n= 8$) e *pessoa* ($n= 7$).

Todas as categorias predominam na 1P, enquanto o menor predomínio é na 3P. A categoria *pessoa* só possui as maiores ocorrências quando a pessoa é a 1P. Nas outras pessoas, os maiores números são para a categoria *qualidade*. *Tempo* só ocorre quando relacionado a 1P e a 2P, essa segunda com número extremamente baixo.

Com isso, a categoria metafórica mais produtiva foi a de *pessoa*, a mais concreta. O segundo maior número foi a categoria *qualidade*, a mais abstrata. Notemos que a principal relação estabelecida pelos possessivos é a relação pessoal, principalmente com a 1P, relação entre os falantes e outros elementos pertencentes ao mundo físico e social. Em contrapartida, a categoria menos produtiva é a de *tempo*, a penúltima na escala, e bastante abstrata.

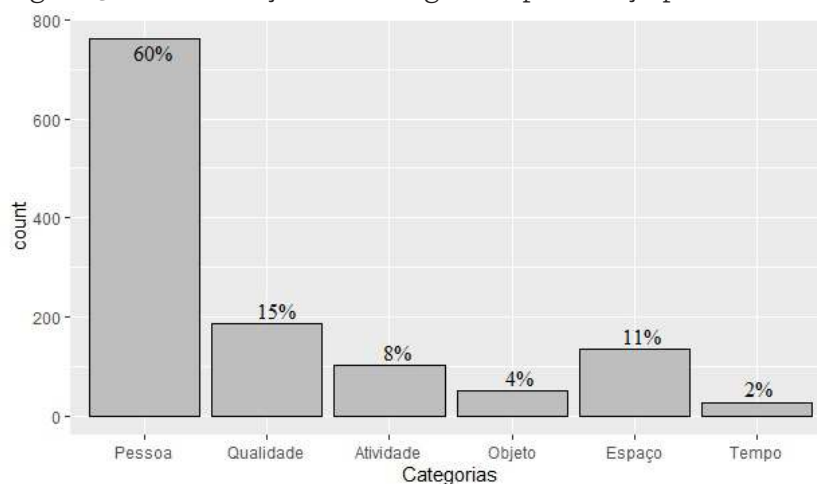
Há uma relação entre as categorias metafóricas de *pessoa* e *qualidade*, considerando que *qualidade* é atributivo de *pessoa*. Contudo, essa relação não se limita apenas a *qualidade*. Retomando ao conceito tradicional de que o possessivo estabelece uma relação entre um objeto e uma pessoa gramatical, todas as outras categorias metafóricas estabelecem, em algum nível, relação com *pessoa*, havendo uma

escalaridade do mais abstrato – *qualidade* – até o mais concreto – *pessoa* – nessa relação, conforme dados abaixo:

- (17) mas eu acho que na *minha idade* eu já tenho uma personalidade formada (DAN1FI).
- (18) no não no *meu tempo* ensino médio não tinha então (SOA3MF).
- (19) mas ultimamente *meu departamento* tem lançado poucos projetos (DOU2MF).
- (20) aí foi quando eu consegui *meu primeiro emprego* e aí o estágio teve que ficar (DOU2MF).
- (21) porque eu tinha deixado *minha identidade* lá no sítio então (VIC4MI).
- (22) conheço os meus a- *meus amigos* da UFS (MAR3MF).

Todos os sintagmas com possessivo estão retomando uma pessoa discursiva, nos exemplos a 1ª pessoa do singular, o *eu*, aquele que está falando. Na Figura 3, apresentamos a distribuição das categoriais por outra ordem, de [+pessoa] a [-pessoa].

Figura 3 – Distribuição das categoriais pelo traço pessoa



Fonte: elaborado pelo autor.

Há um decréscimo no percentual. O maior percentual em *pessoa* (60%), seguido por *qualidade* (15%), depois *atividade* (8%) e depois *objeto* (4%), elementos que podem se relacionar com o traço de *pessoa*. Em *espaço*, há um aumento no percentual, 11%, provocando uma alteração no gráfico. Ainda assim, seguindo essa categoria, temos *tempo*

com o menor percentual, 2%. A ocorrência dos possessivos parece estar interligada com a pessoa que produz o enunciado, com o falante, visto que as maiores ocorrências são em categorias mais relativas ao traço de [+pessoa].

Ainda, se o possessivo vem acompanhado de um nome pertencente à categoria *pessoa*, por exemplo, essa relação indica uma relação pessoal entre o falante e o elemento que se enquadra no nome proferido. Se o falante diz *meu pai*, a ideia é que ele esteja estabelecendo uma relação entre ele e o nome que ele indica, o *pai*. Formas alternantes podem ser utilizadas para introduzir esse sintagma possessivizado. No caso de *meu pai*, haveria a possibilidade de uso como em (23). Usamos como base a 1P, dada a produtividade no *corpus*.

(23) Tenho um pai.

Na categoria *pessoa* a alternância do possessivo + nome pode ser feita pela construção com *ter* + *artigo indefinido* + *nome* ou *ter* + *nome*. Seguindo essa linha, podemos produzir construções como *minha mãe* e *nosso amigo* como em (24), (25). Em *qualidade* a construção alternante *ter* + *artigo indefinido* + *nome* se mantém (podendo ser omitido o artigo indefinido), possessivos como *meu defeito* e *minhas necessidades* são alternados como em (26) e (27). Em *objeto*, observa-se esse mesmo comportamento. Logo, construções de *objeto* como *meu celular* e *meu livro* são feitas como em (28) e (29).

(24) Tenho uma mãe.

(25) Temos um amigo.

(26) Tenho um defeito.

(27) Tenho necessidades.

(28) Tenho um celular.

(29) Tenho um livro.

Esse comportamento não ocorre em todas as categoriais. Em *lugar*, por exemplo, pode-se dizer que *minha casa* se alterna como *tenho uma casa*. Todavia, em construções como *nossa universidade* ou *nossa turma*, *ter* + *artigo indefinido* + *nome* não se mantém, pois não se pode ter (na maioria dos casos) uma *universidade* ou uma *turma*. Para esses casos, é aplicável construções do tipo *artigo* + *nome* + *onde* + *verbo*, como em (30) e (31).

(30) A universidade onde estudamos.

(31) A turma onde estudamos.

Atividade, como é uma categoria que indica processos, não dá para seguir a linha *ter + artigo indefinido + nome*. Construções como *meu caminho*, embora possam ser encaixadas como *tenho um caminho*, podem ficar sem sentido. Para *atividade*, a construção alternante é a de *artigo definido + nome + que + verbo*, conforme vemos em (32), (33) e (34) para *meu caminho*, *meu curso* e *minha escolha*.

(32) O caminho que sigo.

(33) O curso que faço.

(34) A escolha que faço.

Por fim, a categoria *tempo* também apresenta construção alternante diferente. Para essa categoria, a construção seria *quando + verbo + nome*. Desse modo, obtemos construções como em (35), (36) e (37) para *meu tempo livre*, *minha época* e *meu ensino médio*.

(35) Quando fico livre.

(36) Quando era época.

(37) Quando fiz o ensino médio.

Essas alternâncias ora podem ser iguais entre si, como em *pessoa*, *objeto* e *qualidade*, ora podem apresentar construções diferentes, como em *tempo*, *atividade* e *lugar* e agem como uma forma mais extensa para a forma possessivizada (*minha época* = *quando era época*).

Considerações Finais

O controle de traços semântico-pragmáticos pode ser aplicado aos possessivos seguindo diferentes tipologias. Em nossos dados, buscamos utilizar as categorias metafóricas de Heine *et al.* (1991) para esse controle. A categoria mais recorrente é a mais concreta, *pessoa*, com 60%, seguida da categoria mais abstrata, *qualidade*, com 15%. A categoria menos produtiva é *tempo*, com apenas 2% das realizações.

Controlando a *pessoa*, houve predomínio no uso de possessivos de 1P, além de que há uma relação significativa entre a *pessoa* do possessivo e a categoria metafórica no *corpus* utilizado. Além disso, há uma relação entre

as categorias e o traço de *pessoa*, na medida em que quanto mais atributivas à pessoa, as categorias vão apresentar maior produtividade, exceto *espaço*.

Cada categoria metafórica para os possessivos apresenta formas alternantes para expressarem os sentidos propostos, capaz de agir como formas sintéticas para a informação que pretende ser passada. Esperamos, por meio dessa categorização, contribuir para futuros estudos voltados à classificação dos possessivos.

Agradecimentos: Esse texto foi desenvolvido a partir de discussões feitas na disciplina Gramática e Cognição, do Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), ofertada pela Profa. Dra. Raquel Freitag (UFS), a qual eu sou fortemente grato pelas leituras e orientações no manuscrito. Agradeço também a Bruno Pinheiro e a Marta Faria, por terem sido de grande ajuda em uma versão preliminar da discussão aqui apresentada.

Referências

ALMEIDA, N. M. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 46. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

AZEREDO, J. C. **Gramática Houaiss da língua portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Publifolha, 2013.

BATIC, G. C. Towards a Hausa Metaphorical Lexicon: Body Part Nouns. **Rivista del Dipartimento di Studi Asiatici e del Dipartimento di Studi e Ricerche su Africa e Paesi Arabi**, v. 2006, n. 66, p. 17-41, 2006.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 38. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

BENVENISTE, E. A natureza dos pronomes. **Problemas de lingüística geral I**, v. 3, p. 277-285, 1995.

BYBEE, J. Background and current context. In: BYBEE, J. **Frequency of use and the organization of language**. New York: Oxford University Press on Demand, p. 03-34, 2007.

BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. New York: Cambridge University Press, 2010.

CAMARA JR, J. M. **Princípios de Lingüística geral**. 4. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1964.

CAMPOS JR., H. S. **A variação morfossintática do artigo definido na capital capixaba**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciência Humanas e Sociais, 2011.

CARIOCA, C. R. A motivação metafórica na gramaticalização do marcador evidencial *de acordo com*. **Signo**, v. 41, n. 70, p. 101-109, 2016.

CASTILHO, A. T. **Nova gramática do português brasileiro**. 1. ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.

CEGALLA, D. P. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 48. ed. rev. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

CUNHA, M. A. F.; BISPO, E. B. Pressupostos teórico-metodológicos e categorias analíticas da Linguística Funcional Centrada no Uso. **Revista do GELNE**, v. 15, p. 49-74, 2013.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008

FREITAG, R. M. K. Banco de dados Falares Sergipanos. **Working Papers em Linguística**, v. 14, n. 1, p. 156-164, 2013.

GIVÓN, T. **Context as Other Minds**: The Pragmatics of Sociality, Cognition and Communication. John Benjamins Publishing Company: Philadelphia, 2005.

GUEDES, S. Emprego do artigo definido em situação de contato dialetal. **Domínios de Lingu@gem**, v. 13, n. 4, p. 1401-1432, 2019.

HEINE, B. *et al.* **Grammaticalization**: A conceptual framework. University of Chicago Press, 1991.

HELLWIG, B.; GEERTS, J. **ELAN**: Linguistic Annotator. Versão 4.4.0. 2013. Disponível em: mpi.nl/corpus/manuals/manual-elan.pdf. Acesso em: 06 abr. 2020.

LAKOFF, G. **Women, fire, and dangerous things**. University of Chicago press, 1987.

LEE, H. A Grammaticalization-based Study on Negative Polarity Items. **언어과학연구**, v. 33, p. 289-306, 2005.

NEVES, M. H. M. Os pronomes. In: ILARI, R.; NEVES, M. H. M. (orgs.). **Gramática do português culto falado do Brasil, vol. 2**: Classes de palavras e processos em construção. Editora da UNICAMP, p. 507-622, 2008.

PEREIRA, I; GÖRSKI, E. M. A multifuncionalidade do item “mesmo” e sua(s) possível(is) trajetória(s) de gramaticalização. **Guavira Letras**, v. 12, n. 22, 2017.

R CORE TEAM. **R**: A language and environment for statistical computing. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria, 2018. Disponível em: <https://www.r-project.org/>. Acesso em: 06 ago. 2020.

SILVA, G. M. O. Realização facultativa do artigo definido diante de possessivo e de patronímico. In: SILVA, G. M. O.; SCHERRE, M. M. P. (Orgs.). **Padrões sociolingüísticos**: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 120-145, 1998.

SIQUEIRA, M. Efeitos do contato entre normas na variação linguística: a presença de artigo definido antecedendo possessivos no falar universitário da UFS. **Porto das Letras**, v. 6, n. 1, p. 8-33, 2020.

SOARES, A. S. F. **Segunda e terceira pessoa-o pronome possessivo em questão**: uma análise variacionista. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Paraná, 1999.

TAVARES, M. A.; FREITAG, R. M. K. Do concreto ao abstrato: influência do traço semântico-pragmático do verbo na gramaticalização em domínios funcionais complexos. **Revista Linguística**, v. 6, n. 1, 2010.

WICKHAM, H. **ggplot2**: Elegant Graphics for Data Analysis. New York: Springer-Verlag, 2016. Disponível em: <https://ggplot2.tidyverse.org>.